

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

ATENÇÃO QUE FALTA E ATIVIDADE QUE SOBRA: INTERVENÇÕES E INVENÇÕES

Luiz Felipe Oliveira de Andrade

Começamos pelo seminário que Lacan (1975/1976-2007) vai se dedicar a pensar a invenção num *falasser* ou *parlêtre*, principalmente impactado pelo fazer do escritor Joyce, em agradecimento ao Prof. Dr. Ivo de Andrade Lima pela lembrança de nosso trabalho do qual participou:

Como é que todos nós não sentimos que as falas das quais dependemos são, de algum modo, impostas? (...) A questão é por que um homem dito normal não percebe que a fala é um parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é a forma de câncer pela qual o ser humano é afligido? (p.92)

Há muitos déficits de atenção e hiperatividades, de forma crescente e assustadora nas estatísticas nacionais e internacionais (Lazaratu & Golse, 2018; Tonetto, Barbieri, Andrade & Squires, 2021 & Conitec, 2022). Houve protestos e paralisação de serviços públicos em função da falta de metilfenidato, precisando criar protocolos que submetessem aos não-médicos e outros setores a avaliação da criança: passou-se a contar com relatórios advindos da escola (SMS, 2014), por exemplo pra avaliação.

Nosso trabalho em CAPSi, ressaltou duas coisas: a primeira: que a maioria das crianças chegavam com seus encaminhamentos por escolas ou unidades básicas, onde se lia: criança imperativa (Andrade, 2014). Esse significante um que marca o corpo pode imperar, pode se impor, se não houver chance de enganchá-lo num saber constituído com a criança. A segunda: que essas crianças eram, segundo a voz do povo: hiperativas (Andrade, 2024), fazendo justiça ao valor que toma para Freud (1930/2020) em o *mal-estar na cultura* o uso de expressões do senso comum que podem depois chegar ao estatuto de conceitos. Essas noções do campo de pesquisa na saúde mental valorizam a tradição transdisciplinar do campo da psicopatologia fundamental e psicanálise que não é feita apenas das referências da literatura psiquiátrica e psicanalítica. (Berlink, 1997).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Assim, pouco se fala na “falta de atenção” que forma o segundo eixo do diagnóstico de TDAH, do DSM V, ou ainda, de acordo com o CID11. Destacamos com essa constatação, talvez, uma ausência eficiente da “pessoa prestativa” de que fala Freud (1895/ 2003) em seu *Projeto para uma psicologia científica*, em que destacamos o sentido de pessoa que presta atenção ao caos inicial da criança que mal consegue se acomodar, equilibrar-se e sustentar uma ação motora sozinha, sem incentivo e recurso que lhe venha de um primeiro Outro. Ao propiciar-lhe ajuda estrangeira para realização de uma ação específica, começa a se constituir matriz de sujeito, efeito também das primeiras falas no organismo, promovendo satisfação, apaziguamento.

Na verdade, o que conta para essas crianças que criaram mais impasses à equipe de CAPSi com que trabalhamos e pesquisamos, é muito mais o corpo- a -corpo com os pais e profissionais, jogando-se no chão ou por sorte, em nossos braços, pouco permeáveis a uma conversa, fugindo e passando de brinquedo em brinquedo, sem constituir propriamente uma brincadeira.

O que ocorre com as falas ou significantes quando chegam até essas crianças é que mais parecem comandos, imperativos, como Lacan (1975-76/2007) diz e que agitam seus corpos ainda mais. O casal de pedopsiquiatras e psicanalistas lacanianos Roy & Roy (2003), nos ajudam a compreender o fenômeno:

O que nos ensina a hiperatividade é que algumas crianças não conseguem alojar seu ser de vivente no sistema significante, porque este não é furado pelo lugar da falta. Seu ser, seu corpo e seus pensamentos se encontram então tomados por uma submissão extrema ao Outro da demanda, na medida em que este não orienta para o Outro do desejo, ou ainda esse desejo se declina como pura vontade de gozo, o que dá uma nota sádica à estrutura. Sua “hiperatividade” é, ao mesmo tempo, o signo de sua resposta obrigatória às ordens que lhe vêm do Outro e “seu esforço de réplica.” Submetidas à deriva metonímica do significante, elas são intimadas a responder “presente” a toda solicitação de um significante novo, o que as deixa sem descanso, perturba sua atenção e agita seu corpo. Elas se tornam servas e agentes de um Outro que sabe tudo, vê tudo, escuta tudo.” (p. 36)

Nossa tentativa será mais uma vez, conceber um modo de funcionamento que identifica esse estilo nas crianças estudadas, que como dizemos, por serem hiperativas, põe muito em cena um corpo-a-corpo conosco e encontrar o que pode dar chance de outro funcionamento, que

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

possibilitem-lhes um laço social distinto. Para isso, precisamos fazer apelo a algo de terceiro, que tire-as desse corpo-a-corpo com seus pais, conosco ou com o chão, a parede – limites reais.

Lacan (1977) advertiu também que esse dentro-fora, esse modo euclidiano de perceber o mundo e de colocar-se com nosso corpo, é consequência de não termos desenvolvido um pouco melhor a topologia de uma “tessitura”. É de Charles Melman (2008) sobre o trabalho do tecelão de John Scheid e Jesper Svebro, *no métier de Zeus*, que vamos tomar a ideia de que nenhum *falasser* é algo neutro, estável ou pacífico, pois para se tecer, da forma mais rudimentar possível uma manta, um pequeno pedaço de tecido que sirva para cobrir o corpo, é preciso, pelos menos dois fios em direção contrária uma à outra. As metáforas são muitas, mas a tessitura tem a virtude de tomar corpo e mostrar como o que cobre o corpo, serve para aquecê-lo, é materialmente comprovado pelo que se vê e pelo que se sente da textura. “Se o casaco serve assim, ao mesmo tempo de cobertura, é porque como todo tecido, ele é feito de uma cadeia vertical, sucessão ritmada de fios, de fios robustos entre os quais irá passar a trama horizontal. (p. 18)”

“À desordem de origem da lã bruta vem substituir-se um tecido ordenado, em que cada fibra toma seu lugar (p.19)”. Essa metáfora vem ao encontro de nosso trabalho com as crianças hiperativas de CAPSi e o que podemos pensar de invenção, como propõe o argumento desta mesa de trabalho. O corpo desordenado, despedaçado (*morcelé*) que Jacques Lacan (1949/ 1998) propõe no seu *o estádio do espelho como formador da função do eu*, só pode ser ordenado, não de uma vez, como mostram as atuais pesquisas com bebês em risco de constituição subjetiva (LAZNIK, 2021), mas a partir de variados in(vestimentos) que envolvem não apenas o visual, mas o tátil e o equilíbrio do corpo. O destaque da palavra “vestir” é proposital, pois descobrimos em nossa tese de doutorado (Andrade, 2024) e a partir do trabalho lacaniano de Melman (2008) que o corpo ou organismo real, precisa ser vestido pelos significantes, para que suas partes sejam concebidas como *corps* formando alguém que sustente o Eu (Je), sujeito para um Outro simbólico. Melhor que isso é dizer que esse corpo, desde o começo é tecido, fruto de uma tessitura que envolve o organismo para tomar corpo.

O organismo, o que é? Tentaremos concebê-lo em parte a partir de algumas noções teóricas. Mais no intuito de vê-lo participar na tessitura do que faz corpo. Uma delas nos foi indicada por Assoun (2013), através da importante distinção a que consagra sua obra : *L’excitation et ses destins inconscientes*. As excit-ações são estímulos descontínuos no corpo, ao contrário da pulsão, que conforme o clássico estudo de Freud (1915/2014) *A pulsão e seus destinos* é uma força constante, *konstant kraft*, sem objeto determinado e que está entre o somático e o psíquico ou campo das represent-ações. Esses hífen nas palavras são resultado de nosso interesse e pesquisa sobre as

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

“ações” envolvidas nos processos do corpo mais precoce, uma vez que a hiperatividade é composta por muitas ações que não redundam numa finalidade, ou como prefere chamar Jean Bergès (2008), são passagens-ao-ato reiteradas no sujeito.

Uma das excitações que tem origem no corpo, por exemplo, segundo Freud (1895/2003) é a fome. Só esta excitação daria margem a trabalho de psicanálise e política pública em complexo entrelaçamento, mas vamos tomar o que disso atinge o corpo e que pode ser aplacado com aporte de alimento. O que dizer de tantas crianças carentes de alimento várias horas e mesmo dias? Estariam elas em condições de explorar o campo das representações ou serem convidadas a entrar neles pelo in-vestimento de alguém? Uma vez que estariam absorvidas desde cedo pelo estado da Fome?

Também as pesquisas com bebês apontam que alguns são hipersensíveis a sons e ao toque desde muito cedo, por razões não totalmente conhecidas e que organicamente os excitam mais, exigindo importantes adaptações para que se estabeleça o contato com eles e se configure um circuito pulsional de trocas (Laznik, 2021). A experiência em CAPSi nos coloca em contato com crianças, que “desde a barriga da mãe” (Andrade, 2024), possivelmente sofreram impactos de violências físicas que trazem a tona um corpo desde muito cedo hiperexcitado (Assoun, 2013) e mais sujeito à agitação.

Com esses apontamentos em perspectiva, podemos retomar a perspectiva da tessitura do real do organismo e suas excit-ações com as ações do Outro da criança, inclusive suas ações de palavras ou represent-ações. O que dispara em seu organismo precisa encontrar apoio no Outro para ser in-corporado na tessitura, na malha que o compõe, esse *falasser*. E lhe conferir assim estabilidade na atenção, ação e movimentos. Isso não tem a ver com as nossas distrações cotidianas, de cada um(a), como atos falhos na fala e na ação, em que algo recalçado faz retorno e aponta para uma leitura do que se intrometeu aí, fazendo apelo de sujeito. O tecido das crianças que vamos considerar aqui é mais esgarçado. O objeto ameaça retornar como corpo não coberto, não (in) vestido, conforme mostra Lacan (1962-63/ 2005), desde seu esquema inspirado em *Bouasse* das flores que a inversão do vaso para cima, vem vestir: dando o conjunto: vaso de flores. O real não vestido, des-coberto, pela fragilidade do tecido, impulsiona o sujeito a buscar abrigo do olhar e da palavra dos outros, tudo é muito ameaçador.

É no acolhimento, na modulação das excitações que estão no corpo dessa criança, de diferentes formas, que podemos ter a chance de oferecer um simbólico que vá tecendo esse corpo de outra forma: “in-vestir quer dizer encontrar-se recoberto da tessitura simbólica, da perfeição nesta união de opostos, de contrários, que vocês têm todavia de realizar.” (Melman, 2008, p. 21) Outro

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

aspecto conceitual do significante que podemos enxergar através dessa prática com a criança hiperativa é que o significante é movimento. Isso está em Freud (1895/2003) quando ele considera de suma importância o movimento de abrir e fechar a boca que registra o que o próprio aparelho fonador profere em retroação sobre o pavilhão auricular do mesmo falante, em sua monografia sobre as *Afásias* (1891/2003). Ou quando, a fim de marcar sua relação de satisfação com o Outro, registra a diferença que faz a cabeça do *infans* movimentar-se em direção ao seio, no Projeto (1895/2003). Essas constatações também podem ser feitas na obra lacaniana quando ele diz textualmente, o significante não é mais o fonético, mas outro campo, onde “o significante se situa no nível da substância gozante.” (Lacan, 1972-73/1975, p. 26) Lacan continua: “sem o significante como abordar tal ou qual parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esta coisa que, do gozo, é a causa material? Por fluído, confuso que isso seja, é uma parte que, do corpo, é significada neste aporte.” (Lacan, 1974/1975, p.27, tradução nossa). Fierrens (2010) destaca mais uma vez o movimento do significante, no que apostamos ler, que o significante é movimento, é diferenciação: “o movimento de fazer alguma coisa outra com aquilo que aparece – é o movimento próprio do significante- que faz aparecer o sujeito. (p. 42, tradução nossa).”

À criança que vem correndo pra jogar-se no chão bem perto de abraçar uma psicopedagoga de nossa primeira pesquisa (Andrade, 2014), a profissional oferece o abraço. Constata que num momento como esses não dá para dizer o que a criança quer, qual a intenção, ela é empurrada por algo e não sabe se quer se jogar, empurrar ou um contato, cabe a nós, diz a profissional, ajudá-la nisso. À outra criança que batia muito a cabeça no chão durante algumas atividades, a mesma colega oferecia as mãos entre a cabeça e o chão, até surgir ali um colo ou uma brincadeira pouca-pouco relançada. Dessa forma a excit-ação começa a não ser tão imperativa, a ser dialetizada e o circuito da pulsão começa a se esboçar e a movimentação significante continuar.

Podemos falar esquematicamente de um circuito pulsional definido por Freud (1915/2014) e retomado por Laznik (1994/2004), com contribuições sobre a pulsão tátil (Couvert, 2020) e sobre a pulsão motora (Forget, 2010), ambos devedores a Jean Bergès (2008), com interesse especial para a criança hiperativa. Há um estímulo e a criança busca sentir, mexer, isso pode ser retomado pelo outro que presta atenção e tem interesse no sujeito que ela esboça, tocando-a, mexendo-a, enquanto fala com ela até o ponto em que se constitui um novo sujeito no Outro, que é quando a criança busca se fazer tocar, se fazer carregar e fazer-se mexer. O próprio eixo gravitacional da criança e seu equilíbrio é colocado em exercício aí, articulando ações e movimentos contra a gravidade em direção ao outro, buscando-se tomar. É a dimensão do jogo ressaltado pela psicopedagoga e teoricamente por Bergès & Balbo (2001). Um jogo em que se torna possível um

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

relançamento de possibilidades de movimentos, se a criança encontrar no outro uma hipótese (é um abraço que ela quer?) e se deixar ultrapassar na hipótese que faz com ela (não ter que ser necessário isso). Também, não é porque se alcançou isso uma vez com a criança em brincadeira que tenha chance de estabilizar essa tessitura, há que se sustentar. Há crianças que por uma ocasião ou por outra ameaçam esgarçar o tecido, desestabilizando-se. Mas nos referimos especialmente aquelas que estão quase sempre instáveis, na agitação ou passagem-ao-ato.

De um lado temos o organismo com suas exigências, excitações e descompensações, de outro, nós temos o simbólico, como código, como escrito, isso vai tecer o corpo, nessa tensão entre dois, de algo que toma força, verticaliza e outra linha que desliza. Até que, finalmente, adiciona Melman (2008), para a tessitura, que ele vai fazer valer a uma escritura, que compõe e não se dá por completa, escrita feita e acabada, precisa-se de um terceiro fio. Há o fio da coragem, tensiona na vertical, há o fio da sabedoria na horizontal, que vem com o tempo, com a diacronia, as letras, mas há o fio que faz um aí. O da voz. Que dá o sentido, a direção e que no manto, diz Melman (2008) se vê mal, é o que sustenta o cruzamento dos fios, seu “x”. É algo na escritura que como terceiro impede uma errância, um eterno deslizar, e torna possível uma convivência à criança e um ponto para ela se fiar no significante, crer nele e fazer com ele. Algo que lhe dá tecido e terceiro. Como podemos tornar isso mais palpável clinicamente e teoricamente?

A lógica modal, é, em Aristóteles, segundo Pierre-Cristophe-Cathelineau (2007) uma lógica distinta da lógica proposicional e predicativa que diz o que se é: toda criança é hiperativa, por exemplo. Lógica modal é mais ligada a uma temporalidade, “o verbo é ‘modificado’ por um advérbio ou por uma locução que tem valor de advérbio (...) a relação do sujeito com o real e com seus atos substitui a relação do pensamento com o ser. (p.233)” Isso traz mais uma vez à tona o movimento.

Lacan (Cathelineau, 2007) parte da categoria Aristotélica de necessário: quando uma coisa, como Deus, não pode ser diferente do que é, quando é necessário que seja assim! Como fio que se tece ou que se escreve: “não cessa de se escrever”, é como algo que vai. Essa é a relação do real com a escritura. O sujeito hiperativo vive numa urgência que ele não sabe muito expressar, porque não tem mesmo sentido, afirma Bergès (1998/2008) e o mais inadequado nessa clínica é o terapeuta acrescentar sentido sobre essa urgência em que vive a criança, só fazendo-a agitar-se ainda mais. Também não se pode ficar sem fazer nada, mas aguardar que algo possa surgir, oferecendo um mínimo de cuidado e contenção e algumas indicações. Quer fazer isso aqui comigo? Quer ligar pra saber onde sua mãe está? Se ela já tá perto? Pra gente fazer uma coisa enquanto isso? Há um impossível na base do real que se escreve nesse lançamento ou ação da criança que

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

seria da ordem do que não se representa mesmo e fica todo em potência: “o que não cessa de não se escrever”.

A distinção mais importante é entre possível e contingente nessas modalidades de escrever e não de ser, ou seja, algo importante do sujeito fazer, ao invés de simplesmente ser ou ter, como diria Winnicott (1999). O possível é horizonte de possibilidades, de que algo possa vir a ocorrer ou não: “algo cessa de se escrever”: é possível a mãe da criança chegar no horário combinado no CAPSi ou não chegar. E teremos que trabalhar essa espera com a criança antes, durante e depois da mãe sair. São alternativas imaginárias que se apresentam à consciência do sujeito. Ligadas aquela urgência que nessas crianças representam a não espera: o que não cessa de se escrever. Portanto, para que algo aí se inscreva pra tecer, pra escrever algo novo, no sentido de uma inovação que possa depois participar de uma invenção – sinthome, algo mais estruturador e sustentador pra o sujeito em constituição, precisamos contar no trabalho com o contingente e não com o possível como evento.

Essa modalidade ocorre entre o impossível “não cessa de não se escrever” e o necessário: “o que não cessa de se escrever”, é justamente aí que pode advir algo, fora de qualquer possibilidade: algo que “cessa de não se escrever”, que Lacan também traduz por : “o que cessa, por se escrever.” (Cathelineau, 2008, p. 234). É o que realmente pode produzir um deslocamento subjetivo num tratamento para os sujeitos, pelo inusitado, no emaranhado dos fios.

Após gritar muito pela mãe e não aceitar nenhuma das possibilidades de atividade que oferecemos, ele sai da sala e esbarra no extintor de incêndio da parede do corredor. Com o olhar de fuga e o interesse no objeto, propomos descê-lo juntos da parede para ver como funcionava. Mas que precisávamos ter cuidado. Por quê?, perguntava ele. O que você acha, respondemos perguntando: pra que será que ele serve e o que ele tá fazendo ali? Essa sessão de exploração: O que é isso? É um relógio, perguntava ele? Mede o quê? Conseguimos nessa sessão, consideráveis incursões e um tempo de in(vestimento) juntos.

Outra criança, também muito agitada, que era difícil sustentar num jogo, após repetirmos algumas vezes o basquete com a cesta de lixo em várias alturas diferentes da sala, pede para ir ao banheiro do consultório. Por azar ou sorte, sem que eu soubesse, o banheiro estava quebrado. E ela deixou lá toda sua merda, sem que pudéssemos resolver. Tentamos muita coisa juntos. Outro colega de consultório resolveu no contraturno. Um terceiro? Mas esse ato se escreveu entre o merda que o garoto acha que é ou é considerado, o impossível de ser um merda ou não ser um merda ao mesmo tempo e a contingência da descarga está quebrada. Eis que pôde surgir uma merda que não é toda dele e algo aí se escreve. São chances como essas que, absolutamente sem

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

programação, podem fazer na análise que o a analista e o próprio sujeito perceba que apesar do que lhe é imposto na linguagem como trouxemos de Lacan (1975/1976-2007)) no início do texto, há algo que pode ser feito e tecido, fazendo cessar, pelo menos um tempo, a agitação.

Prestar atenção à criança e a seus pais, suportar e jogar com o inesperado são recursos que só pode fazer parte de uma clínica psicanalítica que conta ademais com todo o trabalho das outras clínicas para o fazer com essa criança em que sobram ou soçobram muita atividade. Às vezes incrementadas por mais atividades que pais, escolas e mundo digital oferecem.

Pela contingência, por algo que se intromete e que dá errado, algo da atividade cessa, pára, e pode começar a contar, para quem sabe, na insistência do tratamento, por novas contingências e suas elaborações, com tempo na transferência, possamos conseguir inventar outros modos de lida do sujeito com o real da agitação.

Concluimos sobre essa clínica difícil e dura da hiperatividade, num mundo que clama sempre por desempenho, consumo e novidade, com o comentário de Mauro Mendes Dias (2020) durante a pandemia de covid no instituto Vox: “não podemos esquecer e precisamos lembrar a essa gente (incluído aí os analistas) que não dá pra inventar todo dia, nem o dia todo.”

Referências bibliográficas

- Andrade, L. F. (2014). Crianças e o CAPSi: do imperativo ao hiperativo. Qual o tratamento? *Dissertação de mestrado*. Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/204/1/luiz_felipe_oliveira_andrade.pdf
- Andrade, L. F. Hiperatividade no CAPSi: a psicanálise na leitura que enoda corpo, linguagem e social na criança. *Tese de doutorado*. Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. No prelo
- Assoun, P. L. (2013). *L'excitation et ses destins inconscientes*. Paris: PUF.
- Bergès, Jean (1995). As crianças hipercinéticas. In: *O corpo na neurologia e na psicanálise: Lições clínicas de um psicanalista de crianças* (pp. 109-133). Porto Alegre: CMC, 2008.
- Bergès, J., & Balbo, G. (2002). *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transativismo*. Porto Alegre, CMC.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

- Berlinck, M, T. (1997) *O que é psicopatologia fundamental?* In: *Psicologia, ciência e profissão*. n.17.(pp.13-20). <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200003>
- Cathelineau, P-C. Logica modal. In: Chemama, R & Vandermesch, B. *Dicionário de psicanálise*. (p. 233-235) São Leopoldo, R. S: Editora Unisinos.
- Conitec. *Relatório de Recomendação Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)*. Ministério da Saúde, Brasília- DF, 2022.
- Couvert, M. (2020) *A clínica pulsional do bebê*. São Paulo: Instituto Langage.
- Dias, M.M. (2020) *Seminário online; clínica na pandemia*. São Paulo: Instituto Vox de psicanálise. (anotações pessoais)
- Fierens, C. (2010). *Lecture des quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse: Le Séminaire XI de Lacan*. Louvain-la-Neuve: E.M.E (Collection Psy Passerelles).
- Forget, J. M. (2010). L'hyperactivité, le mouvement et la gravité comme objet a. In: M. Bergès-Bounes, & J. M. Forget. *L'enfant insupportable: instabilité motrice, hyperkinésie et trouble du comportement* (pp.57-70). Toulouse: Érès, 2010.
- Forget, J. M. (2011). *Les enjeux des pulsions: La clinique des pulsions, une clinique actuelle*. Paris: Érès.
- Freud, S. (1891). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In: S. Freud, & L.A. Garcia-Roza. *Afásias* (pp. 113-124). Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: O. F. Gabbi Junior. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise* (pp.175-260). Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- Freud, S. (1915) As pulsões e seus destinos. In: *Obras incompletas* (Tradução Pedro Heliodoro Tavares, v.2). Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na cultura. In: *Obras incompletas: Cultura, sociedade e outros textos* (Tradução ma. Rita Salzano Moraes, pp.305-410). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Lacan, J. (1949) O estadio do espelho como formador da função do eu : In: Lacan, J. (1998) *Escritos* (pp. 96-103). Campo freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1962-63). *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- Lacan, J. (1975-76). *O Seminário, Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

- Lazaratou, H., & Golse, B. (2018). L'Hiperactivité, entre biologie et culture: Les variations géographiques, temporelles et culturelles du trouble déficitaire de l'attention avec hyperactivité. *Revue La Psychiatrie de l'enfant*, Paris, Presses Universitaires de France, (61), 179-198. DOI 10.3917/psy.611.0179
- Laznik, M.-C. (1997). Poderíamos pensar numa prevenção da Síndrome Autística? In: D. Wanderley (Org.) In: Laznik, M, C. *A voz da sereia. O autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador, BA. Ágalma. (coleção de calças curtas)
- Melman, C. (2008) Le métié de Zeus. In: Melman, C. *Lacan et les anciens*. (p. 17-36). Paris, maio 2008.
- Portaria Secretaria Municipal da Saúde- SMS no. 986, São Paulo, 2014. Disponível em:* <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-saude-986-de-14-de-junho-de-2014>
- Roy, D., & Roy, M. (2004). Ordem e desordens. In: A. L. Santiago, & M. Mezêncio (Orgs.). *A psicanálise do hiperativo e do desatento* (pp. 45-53). Belo Horizonte: Scriptum, 2013.
- Toneto, A. P. M., Barbieri, V., Andrade, M. L., & Squires, C. (2021) Contribuições psicanalíticas para o déficit de atenção/hiperatividade: uma revisão da literatura. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, 53(2), 52-82. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v53n2/v53n2a03.pdf>. Acesso em: 3 set.2023.
- Winnicott, D. (1999). *Tudo começa em casa* (Tradução de Paulo Sandler. 3ª. edição. São Paulo: Martins Fontes.